

Museu como palco de relações e de múltiplas intersecções: o espaço expositivo como zona de contato

Le musée comme scène de relations et d'intersections multiples: l'espace d'exposition comme zone de contact

334

Marcele Tamashiro¹
Maria Amélia Reis²

DOI 10.26512/museologia.v12i24.46975

Resumo

O texto explicita a potencialidade das exposições museológicas e a contribuição dessas para a atuação do museu como instituição educativa, social e política. Destaca-se o museu contemporâneo como um instrumento de gestão da memória, da cidadania e promotor de conexões dos sujeitos, tanto consigo mesmos como com a sociedade. Reflete-se ainda, sobre a historicidade dos museus e a dificuldade de uma única definição, uma vez que o museu deve acompanhar as mudanças que perpassam a sociedade. Ressalta-se que no mundo atual não há mais espaço para um museu neutro e apolítico, mas sim para uma instituição museu que busque desenvolver a *práxis* libertadora, consolidando tal afirmativa ao evidenciar a discussão sobre a nova definição de Museu que foi aprovada em 2022 e trouxe à reflexão termos e conceitos que permitem compreender o Museu como um palco, um lugar de fato que perpassa o conhecimento, traz reflexões, permite conexões, embala memórias, histórias, fatos, atos que afloram as emoções. Os termos que o mundo discutiu e os países escolheram para definir o Museu é sobre isso, é sobre o Museu que temos, sobre o Museu que queremos, sobre um Museu possível, mas que requer ações, mudanças, junções de itens, elementos, fatores que não retiram a premissa do museu enquanto espaço de conservação e preservação do patrimônio cultural da humanidade, mas que torna evidente a necessidade desses bens serem compartilhados de modo a criar conexões significativas e identitárias entre os sujeitos.

Palavras-chave

museu; exposições; educação; cidadania.

1 Doutoranda em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – PPG-PMUS/UNIRIO/MAST. Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2016). Especialista em Gestão Estratégica e Qualidade pela Universidade Cândido Mendes (2003). Bacharel em Administração pela Faculdade São Camilo (2010). Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (1999). Oficial do Exército Brasileiro no período de 2006 a 2014. Atualmente ocupa cargo Técnico-Administrativo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Rio de Janeiro. Experiência em bibliotecas especializadas, públicas, universitárias e privadas. Pesquisadora com publicações sobre a temática Inclusão Social e Acessibilidade em espaços de cultura. E-mail: marceletamashiro@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9052-6660>

2 Doutora em Educação (2002) pela Universidade Federal Fluminense e Pós-Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra. Mestre em Educação UFF. Graduada e Licenciada em História Natural (1969) pela Universidade do Estado da Guanabara (UEG- Rio de Janeiro, atual UERJ). Professora de Ciências Naturais em todos os níveis de ensino - 1962/atual. Pesquisadora do Centro Interdisciplinar do Século XX - CEIS 20 da Universidade de Coimbra (2009-atual). Subsecretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro 1992-93; Presidente da Fundação Jorge Duprat de Saúde e Segurança do Trabalho - CNPQ/ Ministério do Trabalho - 2013/16; Professora da pós-graduação em Educação (UniRio - 2002-2006); Professora da Pós Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - (2006-atual). Pesquisadora com vários livros e artigos publicados nacional e internacionalmente no campo da Educação e Museologia em suas várias intersecções - saúde; patrimônio cultural, âmbito escolar; crianças e adolescentes em risco social; direitos humanos; interculturalidade, entre outros. E-mail: amelia.souza.reis@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7822-8177>

Résumé

Le texte explique le potentiel des expositions muséales et leur contribution au rôle du musée en tant qu'institution éducative, sociale et politique. Il met l'accent sur le musée contemporain en tant qu'instrument de récupération de la mémoire, de la citoyenneté et de la promotion des liens entre les individus, à la fois avec eux-mêmes et avec la société. Il réfléchit également à l'historicité des musées et à la difficulté d'une définition unique, car le musée doit s'adapter aux changements qui traversent la société. Il est souligné que dans le monde d'aujourd'hui, il n'y a plus de place pour un musée neutre et apolitique, mais plutôt pour une institution muséale qui cherche à développer une praxis libératrice, consolidant cette affirmation en soulignant la discussion sur la nouvelle définition du musée qui a été approuvée en 2022 et qui a rappelé des termes et des concepts qui nous permettent de comprendre le musée comme une scène, un lieu réel qui apporte des connaissances, des réflexions, des connexions, des souvenirs, des histoires, des faits, des actes qui suscitent des émotions. Les termes dont le monde a discuté et que les pays ont choisi pour définir le musée parlent de ceci, du musée que nous avons, du musée que nous voulons, d'un musée possible, mais qui nécessite des actions, des changements, des combinaisons d'articles, d'éléments, de facteurs qui n'enlèvent rien à la prémisses du musée en tant qu'espace de conservation et de préservation du patrimoine culturel de l'humanité, mais qui rendent évidente la nécessité de partager ces biens de manière à créer des connexions et des identités significatives entre les sujets.

Mots-clés

musée; des Expositions; éducation; citoyenneté.

Introdução

A literatura mostra a evolução do que se pode chamar de prioridade na “Instituição Museu”, que passa de repositório de objetos para centro de pesquisa até chegar a espaço de divulgação de conhecimento (ALMEIDA, 1995). À luz da museologia na sociedade contemporânea cabe complementar a citação de Almeida e referenciar o espaço museu como também *locus* de “construção” de conhecimento, de significados, partindo da premissa relacional idealizada por Oliveira (2013) ao entender que o significado do museu não deve ser limitado aos objetos, coleções, exposições, programas educacionais, publicações, área comercial, uma vez que “todos eles produzem significado e, nesse sentido, os visitantes são potenciais catalisadores de construção de significado” (OLIVEIRA, 2013: 7).

O objeto museológico possui sua dimensão, seu contexto histórico-social, seu valor, mas se não houver o outro para se conectar a esse, o objeto perde sua finalidade numa exposição. Salvar os bens culturais de uma sociedade de fato é uma premissa da museologia, os artefatos, bens materiais e imateriais produzidos ao longo da existência da humanidade são também catalisadores das memórias e do tempo presente como também do tempo futuro. Neste contexto a comunicação que ocorre entre o espaço expositivo e o público é de fundamental importância.

Os museus na atualidade “devem estar particularmente interessados nos processos de construção de significados, e no modo como estes condicionam a experiência museológica e as aprendizagens que dela poderão decorrer” (MELO, 2007: 61). Oliveira (2013) enfatiza, ainda, que os espaços expositivos devem ser plurivocais e dialógicos, viabilizando a exploração de temas tendo por base problemáticas na sociedade, como gênero, classe e outros.

Na nova filosofia museológica desenvolvida nas últimas décadas, as exposições passaram a ser montadas com o objetivo de conscientizar e mostrar as possíveis soluções para os problemas enfrentados pela população no seu dia-a-dia, onde as experiências locais e os interesses comunitários receberam atenção e passam a ser valorizados (OLIVEIRA, 2013: 106).

Moraes (2020) também compartilha tal discurso ao afirmar que

Hoje um dos grandes desafios dos museus parece ser construir e facilitar caminhos que promovam conexões: entre pessoas, sentidos, afetos, narrativas, identidades, realidades, grupos sociais diversificados, conhecimentos, vivências, etc. Tal pressuposição sugere, então, a importância das instituições – por vezes centenárias – revisitarem seus valores, sentidos, práticas e lugares à luz do modo de vida, cultura e valores contemporâneos, conciliando problemáticas e complexidades gerais e singulares em sua dinâmica de existência específica (MORAES, 2020: 145).

O Museu é percebido então como espaço que está além da guarda e preservação, além das narrativas isoladas e do consumo visual. O ambiente museológico torna-se local de viabilização de conexões, de elos entre os sujeitos e o meio em que estão inseridos, do macro ao micro contexto sócio mundial. Os museus continuam reverberando as culturas que os produziram, bem como o sistema de pensamento político, sociocultural do qual fazem parte. Entretanto o contemplar já não pode caminhar sozinho, para isso Hein (2009) afirma que “Produzir um módulo expositivo esplêndido, até espetacular, não assegura um alto grau de interação profunda do visitante; é preciso haver algo que atraia para que os visitantes se envolvam [...]” (HEIN, 2009: 69).

Tal atração pode ter vínculo com uma série de fatores propícios, como o espaço, a ambiência, as cores, a cenografia e a iluminação, dentre outros, que em sua essência estão associados às técnicas museográficas e que possuem suma importância. No entanto, o que se pretende destacar neste artigo é o olhar para outros quesitos que podem e devem fazer parte da preocupação dos envolvidos na elaboração das exposições, que são os fatores ligados ao sentimento identitário dos sujeitos em meio aos espaços museológicos, fatores que conduzam ao sentimento de pertença e isso se produz considerando os seus referenciais sócio-históricos.

O retorno a esta tônica será realizado mais adiante, entretanto por agora, é elementar perceber que as entidades museológicas não podem se abster de acompanhar as mudanças na sociedade. Oliveira (2013: 2) ratifica tal concepção ao afirmar que os museus estão em “constante fase de transmutação”.

Essa transmutação, esse acompanhamento supracitado acaba por se fazer necessário no próprio processo de construção do conhecimento científico no âmbito acadêmico. A formação acadêmica do museólogo engloba um conjunto de conhecimentos que são construídos ao longo do curso, sendo o saber (teoria) e o fazer (prática) os pilares no processo ensino - aprendizagem para que esses futuros profissionais tenham as habilidades básicas para atuação na área do conhecimento escolhida. O fazer aparece como uma possibilidade real de vivência profissional quando do desenvolvimento das exposições curriculares.

Entende-se exposição curricular como uma atividade de ensino que viabiliza a aproximação dos futuros museólogos com a comunidade, possibilitando que através de ações educativas haja a interação com o público e seja factível “[...] concretizar pela vivência os múltiplos debates construídos ao longo do curso sobre Memória, Identidade, Preservação e Cidadania” (SOUZA, 2015: 18). As exposições curriculares surgem como instrumento necessário para que o discente interseccione as teorias com a aplicabilidade, conforme constata o texto a seguir.

As exposições curriculares são marcadas por especificidades que as aproximam e afastam, simultaneamente, de exposições profissionais e institucionais. Trata-se de espaços e momentos de aprendizado e experimentações que muitas vezes permitem aos discentes desenvolver competências que até então desconheciam ser capazes de realizar, a atuar a partir da convergência e do antagonismo de pontos de vista na interação indivíduo-coletivo saber técnico-saber autorrepresentativo, a refletir e aplicar conhecimentos do Curso e de fora dele, a amadurecer profissional, mas também individualmente. É quando muitos discentes tem a oportunidade de vivenciar na prática o que significa a(o) museóloga(o) como ser político [...] MORAES (2021b: 314).

Cabe ressaltar que a formação curricular do indivíduo deve provocar também uma consciência crítica e de participação política solidária. Assim, urge que projetos voltados para exposições considerem o compromisso ético social tanto dos docentes envolvidos como dos discentes, explorando temas que os alunos possam relacionar práticas educativo-sociais, buscando a inclusão, a acessibilidade e a inserção dos mais variados públicos nos ambientes museológicos, fazendo uso da curadoria de modo que a mesma propicie a experiência imersiva e empática dos sujeitos nesses espaços.

O foco inicial dos curadores e museólogos está voltado para os elementos que fazem parte das exposições, desde a coleta até o tratamento técnico dos itens que se inserem dentro de um contexto que se pretende recriar, contar, apresentar, mas em consonância a essas ações deve-se pensar nos sujeitos que fazem/farão uso desses espaços, cabendo a pergunta: será que esses sujeitos estão sendo considerados em sua plenitude? Principalmente no que se refere a realidade social, ou melhor, o contexto histórico-social desses sujeitos. Os envolvidos com as atividades técnicas, operacionais quando da organização das exposições certamente esperam a contemplação das coleções, das obras, dos espaços, entretanto, não pode se restringir a esses.

Não se deve ignorar que cada visitante é um sujeito que carrega consigo as marcas adquiridas em sua vivência e muitas das vezes sobrevivência, principalmente diante dos desafios impostos pela sociedade capitalista e repleta de iniquidades sociais. Considerando a epistemologia de Paulo Freire, todo sujeito possui/prodiz conhecimento, logo, independente de classe social, raça, credo, o ser humano é um sujeito infinito de possibilidades e, é essa potencialidade que deve ser considerada e explorada nos espaços museológicos. A dimensão informativa das exposições deve dar lugar à dimensão educativa, mas não a educação bancária,³ na qual o visitante seria um depositário do conhecimento transmitido por outrem e sim uma educação fincada na *práxis* libertadora.

De acordo com Reis e Pinheiro (2009: 37) a metodologia da *práxis* tem por base o “diálogo participativo sobre os problemas e conflitos da realidade vivenciada por todos e, esta, tomada como objeto e conteúdo primordial de uma educação emancipadora”. As autoras explicam que

As exigências atuais nos mostram o dinamismo em que cada ação específica aos museus se reveste da necessidade do exercício, em seu interior, de uma função antes adormecida e, mesmo secundarizada, que justifica sobremaneira sua própria razão de existir: uma prática educativa efetivamente pronta a acolher a todos em sua pluralidade (REIS; PINHEIRO, 2009: 37).

3 O educador Paulo Freire define educação bancária como “[...]um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (FREIRE, 1987: 33).

Museu como palco de relações e de múltiplas intersecções:
o espaço expositivo como zona de contato

Entendendo o museu como uma instituição e esta como uma invenção humana que ao longo dos séculos refletiu os interesses de poucos, mas que vem se libertando dessa face estigmatizada, percebe-se que novos horizontes se descortinam e no interior dos espaços museológicos a criatividade, a conscientização, a reflexão, o diálogo e a crítica, baseada nos problemas que fazem parte do contexto da sociedade, começam a surgir nas pautas das exposições, mesmo que timidamente. Portanto, no museu não deve existir mais espaço para uma cultura silenciada e sim para ações culturais para a liberdade: de expressão, de pensamento, de existir e de se fazer presente.

Mudanças vindas e bem-vindas: do Templo das Musas ao Museu Integral

A historicidade dos museus faz referência a sua conjecturada origem desde a casa das musas⁴, passando pelos Gabinetes de Curiosidades, ou Câmaras de Maravilhas⁵, constituídos pelo capricho da elite e sumariamente para esta elite, como um espaço que por natureza se remete ao sagrado, ao sacro, às classes sociais privilegiadas como local de guarda e preservação de coleções, mas que com o passar dos séculos começa a despir-se do puro elitismo, perpassando de “*locus* de contemplação”, para “*locus* de discussão”. Espaço este, que conforme o poeta e museólogo Mario Chagas atenta, deve ter a missão de viabilizar as relações e novas produções. Percebe-se aqui, que o museu da contemporaneidade passa a ser entendido como um “palco” de relações e de múltiplas intersecções, conforme se coloca no título e se reforça na introdução supracitada. Chagas (1999) associa o museu a uma “arena”, onde não é concebível neutralidade ou posição apolítica, alertando, ainda, sobre a importância dos “lugares de memória” a serviço do desenvolvimento social. A memória aqui evidenciada como um direito à cidadania e não com uma concessão aos grupos sociais detentores de situação econômica privilegiada.

Trabalhar os museus e a museologia nesta perspectiva (do poder da memória) implica afirmar o poder dos museus como agências capazes de servir e de instrumentalizar indivíduos e grupos de origem social diversificada para o melhor equacionamento de seu acervo de problemas. O museu que abraça esta vereda não está interessado apenas em democratizar o acesso aos bens culturais acumulados, mas, sobretudo, em democratizar a própria produção de bens, serviços e informações culturais. O compromisso, neste caso, não é tanto com o ter e preservar acervos, e sim com o ser espaço de relação e estímulo às novas produções, sem procurar esconder o ‘seu sinal de sangue’ (CHAGAS, 1999: 23, grifo do autor).

Sob essa perspectiva de análise, especialmente tratando-se da formação da sociedade brasileira, não se pode negar a importância dos sujeitos, visitantes reais e potenciais dos espaços museológicos, oriundos de uma história marcada pelo processo colonial que protagonizou as desigualdades sociais, a situação de pobreza, miséria e exclusão que repercutem num processo contínuo ao longo dos séculos segregando em minorias sociais, grande parte da população.

Diante de tanta exclusão, o museu contemporâneo se apresenta como um instrumento de resgate da memória, mas principalmente da cidadania, um espaço de oportunidades que pode promover ações questionadoras, críticas,

4 “Reza a tradição literária (de base específica ou genérica) que a origem dos Museus remonta ao *Mou-seion*, palavra grega que tem servido para designar espaço e, também, ‘templo’ das Musas” (LIMA, 2007: 2).

5 Terminologia citada pela historiadora Patrícia Tavares Raffaini em seu artigo intitulado *Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades*, publicado em 1993.

reflexivas, onde o objeto museológico de necrófilo passa a ser biófilo⁶, onde a aprendizagem não é mais unilateral, vertical, reducionista e sim ativa. Como o jurista José Afonso da Silva referenciou “os museus são certamente centros de cultura dos mais expressivos. Constituem espaço privilegiado para produção e reprodução de conhecimento, em especial em países carentes⁷, como o Brasil” (SILVA, 2001: 145). No Brasil significativa parcela da população sofre os males da desigualdade social, econômica e demais formas de intolerâncias, como racial, de gênero, religiosa e outras mais. Inclusive, a representação da violência, formas de opressão e injustiças sociais, aparecem como novas pautas em exposições museológicas.

Considerando tais mudanças, a socióloga Amy Sodaro apresenta os “Museus Memoriais” como instrumento de resgate da memória e história de grupos vitimizados, silenciados. A pesquisadora acredita que “confrontar o passado por meio da lembrança fornece a estrutura e os padrões para nossa compreensão dos direitos humanos, pela obrigação moral de lembrar deles, protegê-los e promovê-los” (SODARO, 2019: 213). Myrian Sepúlveda conjuga com a reflexão de Amy Sodaro e, também, considera que a atenção se volta para a procura da justiça e não apenas para a representação do passado, conforme reflexão a seguir:

Os museus, de modo geral, abriram suas portas para abrigar uma diversidade maior do que aquilo que se compreende como cultura material, procurando representar segmentos sociais antes ausentes desses espaços culturais. Mais do que isso, os museus partiram para a formação de curadorias e coleções colaborativas, em que o “outro” que é apresentado deixa de ser o objeto do museu e passa a ser o autor de sua própria representação. Museus se diversificaram e alcançaram novas pautas. Diversas formas de opressão ao longo da história e ao redor do mundo passaram a ser objeto da história e da memória, como a escravidão dos africanos no período colonial, o genocídio dos povos indígenas, as ditaduras militares da América Latina, o Holocausto, o apartheid sul-africano e o genocídio de Ruanda, entre outras bárbaries. Arquivos, museus, bibliotecas, sítios históricos, bem como filmes, performances e instalações artísticas voltaram-se para as histórias difíceis de serem narradas (SANTOS, 2021: 8).

As mudanças dentro do campo da Museologia vêm ocorrendo, mesmo que lentamente. Há pouco mais de 50 (cinquenta) anos, no ano de 1972, na Mesa-Redonda de Santiago, no Chile⁸, as reflexões consideraram especialmente, questões de cunho social, político e cultural dos países latino-americanos. Hugues de Varine-Bohan⁹, então Diretor do Conselho Internacional de Museus (ICOM), quando da referida Mesa-Redonda, revela que os textos oriundos do evento podem ter envelhecido tanto na forma como no conteúdo, mas ainda ganha destaque o sentido inovador e revolucionário dos mesmos, trazendo o

6 A obra “O coração do homem” de Erich Fromm, o autor trabalha com as síndromes da necrofilia e da biofilia e tais conceitos impulsionaram os pensamentos do pesquisador Mario Chagas, fazendo-o pensar tais concepções para com os museus, trazendo a tônica dos museus biófilos e dos museus necrófilos. Disponível em: <http://mariochagas.com/wp-content/uploads/2020/01/5riodeencontros.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2022.

7 Carentes entendemos, no atual contexto político, econômico e social como países em desenvolvimento.

8 Encontro organizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) para discutir o papel dos museus na América Latina.

9 Hugues de Varine, como é conhecido e assina suas obras, atuou doze anos no Conselho Internacional de Museus, sendo que na função de Diretor entre os anos de 1965 a 1974. Em sua trajetória de vida Hugues é um nome extremamente conceituado na Museologia, principalmente por sua atuação como consultor internacional na área do patrimônio e desenvolvimento; é também um dos precursores do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), em 1985.

Museu como palco de relações e de múltiplas intersecções:
o espaço expositivo como zona de contato

conceito de Museu Integral, que é aquele voltado para a sociedade como um todo, que considera os problemas da sociedade e o Museu como ação, atuando como mecanismo de mudança social (VARINE, 1995). Assim entendendo, um museu que deve ser considerado como local onde “o visitante não é um consumidor dócil, ou mesmo estúpido, mas um criador que pode e deve participar na construção do futuro” (VARINE, 1985: 4, tradução nossa). Tal expressão já reflete a influência das ideias do pedagogo e filósofo Paulo Freire nas concepções de Varine.

Varine em entrevista concedida a Mario Chagas no ano de 1996 explica que, assim como Paulo Freire demonstrou que os educandos não são meros objetos da educação, mas sim sujeitos educativos importantes pois, sempre tem algo a oferecer, invertendo a então relação educação e educando, “no domínio da cultura, é importante inverter igualmente a relação da oferta e da procura. Todo cidadão, toda comunidade oferecem alguma coisa em troca do que o agente cultural pode lhe oferecer” (CHAGAS, 1996: 8).

Na referida entrevista, Varine sugere que, com a partida de Paulo Freire, compete a nós nos debruçarmos sobre seu legado e de acordo com a nossa alçada adequá-lo aos nossos problemas. Alves e Reis (2013) também relacionam as ideias de Paulo Freire à nova Museologia que erige de modo emancipatório, comprometida na práxis do encontro, das conexões, no diálogo, permitindo a formação da consciência crítica, envolvida com o social, com a política e, principalmente, com o outro. O museu templo perde sua finalidade e dá lugar a uma instituição de engajamento cívico, a “um Museu e uma Museologia sustentada em uma práxis libertadora e em suas bases filosóficas” (REIS, 2021: 146).

É essa “Nova Museologia” que permite pensar o Museu como instituição democrática e a serviço da sociedade e é esse tipo de museu referido que deve ser propagado nos cursos de formação, bem como nas temáticas das exposições, desde às exposições curriculares, onde o centro do Museu e da Museologia não é mais o objeto e sim o indivíduo, o visitante, que tem voz, que tem obrigações, que tem direitos, como: direito à inserção, direito à educação, direito à cultura, direito de ser sujeito.

Mudanças que requerem uma nova definição

As considerações acima configuram um preâmbulo a fim de demonstrar que o Museu e, conseqüentemente, a Museologia estão em constante mutação o que dificulta engessar uma única definição. De fato, conceituar o termo “museu” tem sido fator de inúmeras discussões na literatura específica. As tentativas de se definir a palavra museu surgem desde a sua “criação”, nos séculos XVIII e XIX. No ano de 2020 o ICOM publicou um texto intitulado *224 years of defining the museum* a data faz referência à *Gallery of the Society of Patriotic Friends of the Arts* que em 1796 apresentou uma definição sobre o propósito da sua existência. No decorrer do texto são apresentadas outras instituições e suas tentativas de definições. Cabe destacar a primeira definição oficial para Museu elaborada pelo próprio ICOM, quando da sua fundação em 1946:

The word ‘museum’ includes all collections, open to the public, of artistic, technical, scientific, historical or archaeological material, including zoos and botanical gardens, but excluding libraries, except in so far as they maintain permanent exhibition rooms (ICOM, 2020:2).

A referida definição abarca a tipologia das coleções de objeto musealizado, incluindo Jardins zoológicos e botânicos. Cita a abertura ao público e exclui bibliotecas que não mantem salas de exposição permanente. Mairesse (2020) observa que essa definição sofreu alterações ao longo dos anos, mas sempre permaneceu um princípio de continuidade entre as mesmas, conforme comprova por meio da definição do ICOM de 2007, no trecho a seguir.

A museum is a *non-profit* (1974), *permanent* (1951) *institution* (1961) *in the service of society and its development* (1974), *open to the public* (1946), *which acquires* (1974), *conserves* (1951), *researches (studies* (1951)), *communicates and exhibits* (1951) *the tangible and intangible heritage of humanity and its environment* (1974) *for the purposes of education* (1961), *study* (1961) *and enjoyment* (1961) (ICOM, 2007 adaptado por Mairesse, 2020: 36-37, grifo do autor).

Cabe ressaltar que na 24ª Conferência Geral do ICOM em 2016, os membros discutiram a necessidade de atualizar essa definição de 2007, mas somente no ano de 2022 que foi aprovada a nova definição de museu, na 26ª *International Council of Museums* que ocorreu em Praga, capital da República Checa, em agosto de 2022. O museu passa a ser reconhecido da seguinte maneira:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento (ICOM Brasil, 2022a).

Nota-se que o *princípio de continuidade* citado por Mairesse está presente na atual definição e que novos termos essenciais foram inseridos. É um texto construído globalmente, resultante de quase dois anos de consultas a milhares de profissionais do mundo, tarefa complexa que já estava em andamento em 2020 por parte da Coordenação do ICOM Define, Comitê para Definição de Museu, tendo como Co-Presidente o museólogo Bruno César Brulon Soares. O referido Comitê estabeleceu uma metodologia com início em dezembro de 2020 e que seguiu até a votação final na Conferência Trienal do ICOM, sendo que nesse ínterim os Comitês Nacionais e Internacionais prosseguiram com os diálogos e consultas locais para subsidiar os trabalhos¹⁰.

No Brasil, os vinte (20) termos escolhidos pelo ICOM Brasil podem ser observados na figura 1.

¹⁰ No Brasil a consulta pública para definição dos conceitos escolhidos pela comunidade museal brasileira como contribuição à Nova Definição de Museu recebeu a participação de 1.604 pessoas. Sendo 784 em respostas individuais e 820 pessoas participantes dos debates promovidos por 62 grupos em todo o País (ICOM Brasil, 2022b).

Museu como palco de relações e de múltiplas intersecções:
o espaço expositivo como zona de contato

Figura 1 - Termos escolhidos pelo ICOM Brasil

Antirracista Postura que visa combater e romper o racismo estrutural e o seu processo histórico institucional por meio de práticas e valores a superar a colonialidade.	Democrático Comprometido com valores e práticas equitativas, valorizando diferenças, conflitos, memórias e negociações de saberes e sensibilidades.	Inclusivo Combater por meios e ações a exclusão, garantindo igualdades de condições de acesso e participação a todos.	Salvaguardar Procedimentos sistemáticos de conservação, documentação, promoção e guarda do patrimônio museológico e de expressões culturais.
Bem-viver Refere-se à promoção da convivência e da saúde e ao cultivo de relações de solidariedade, reciprocidade, respeito e valorização de todas as formas de vida.	Direitos humanos Compromisso com os processos sociais de luta pelas condições materiais e imateriais que asseguram a existência digna de indivíduos e grupos.	Instigar Estimular sentimentos e reflexões para que pessoas e comunidades explorem percepções, ideias e valores na construção de novas narrativas e ações.	Social Compromisso com a reflexão e transformação social, como instrumento político participativo de promoção de uma sociedade justa, equitativa e saudável.
Comunicar Colocar-se em relação com a sociedade, dialogando de forma multidirecionada sobre a memória, o conhecimento e a vida em suas mais variadas formas.	Educação Conjunto de práticas, valores, conhecimentos e metodologias concernentes ao processo educativo, permitindo a aprendizagem, a experimentação e a mediação com o patrimônio musealizado.	Patrimônio Referências culturais que compõem a herança dos povos preservadas em suas dimensões materiais e imateriais para as futuras gerações.	Sustentável Práticas de governança, com respeito aos direitos ambientais, sociais e culturais em prol da formação de uma cidadania planetária.
Cultura Possibilidade de comunicar símbolos, signos e significados, ideias e comportamentos criados pelos grupos sociais e que permitem a construção de identidades.	Experiência Compromisso com a potência transformadora de experiências individuais e coletivas no campo sensorial, subjetivo e simbólico nas fronteiras da arte, ciência e vida.	Pesquisar Procedimento investigativo que fundamenta os processos museológicos, com foco em coleções, públicos e o próprio museu.	Território Espaço vivido onde se tecem relações entre poder, memórias, patrimônios e identidades.
Decolonial Postura e práticas de combate às opressões materiais, simbólicas, raciais e de gênero, que resultam da colonização e subalternização dos povos e de seus saberes.	Futuros Possibilitam a imaginação, experimentação, conhecimento e inovação, explorando oportunidades e desafios em co-criações de novas realidades.	Público Coletividade em sua diversidade, heterogeneidade, territorialidade e pluralidade, a quem pertence e a quem diz respeito o museu.	Transformar Engajar a sociedade em reflexões e ações a favor do bem comum e do aprimoramento da experiência coletiva.

Fonte: ICOM Brasil, 2022b, adaptado pelas autoras.

Não somente os termos propostos pelo ICOM Brasil, mas também por outras nações, refletem a busca por mudanças que acompanhem a contemporaneidade, evidenciam a ânsia por justiça social, pela garantia de direitos sociais básicos, pela construção de valores sociais necessários ao museu e a sociedade como um todo, endossando a busca pela *práxis* libertadora como já citado.

São termos que apresentam relação e múltiplas intersecções, a proposta do ICOM Brasil baseia-se na busca de um museu antirracista, decolonial, no qual o legado e a cultura da história dos povos possam ter espaço, sem discriminação e preconceitos. Um museu que promova o bem-viver, que possa ser uma zona de contato, onde o público possa dialogar, que permita a comunicação entre as diversas culturas, viabilizando a construção de identidades. Um museu social, que possa ser de todos e para todos, democrático, inclusivo, que cumpra o que preconiza os direitos humanos, um museu baseado na pesquisa, em aprendizagens, que instigue, no qual a educação se faça presente, bem como o acesso às experiências e experimentos, um museu que salvide o patrimônio, que seja sustentável. Um museu que se transforme a cada dia em território, meu, seu e de todos.

Esses anseios vão de encontro as reflexões de Yunci Cai (2020) ao afirmar que

O museu pode ser um espaço de libertação ou um espaço de repressão, dependendo dos ideais e dos valores que estão sendo representados e promovidos no museu. No mundo de hoje dominado por divisões políticas, o museu pode emergir como um fórum inclusivo para promover o respeito e a dignidade para todas as pessoas, onde todos, independentemente de etnia, língua ou religião, podem ter um lugar chamado de seu [...]. (CAI, 2020: 7, tradução nossa).

Muito ainda tem que se caminhar para sanar esse impasse - museu espaço de libertação ou opressão? Ao analisar a atual definição de museu, dentre os termos não antes vistos nas definições anteriores, pode-se observar que a denominação “Museu” já não concebe a neutralidade nem apoliticidade. O museu não vai deixar de ser um passado, presente, futuro, cores, formas, texturas,

imagens, vozes, textos, músicas, coisas, pessoas, sentimentos, entretanto todas essas especificidades passam a ter significado dentro de uma comunidade, dentro de uma sociedade, dentro de um mundo em que se vive.

Mudanças que requerem ações

Mudanças em torno do repensar o fazer museológico vem ocorrendo, com destaque inicial no século XIX com a abertura de coleções privadas a um público amplo, mas foi na segunda metade do século XX que as discussões sobre a função social e a função educativa dos museus tornaram-se mais intensas em eventos e documentos sobre a temática. Primo (1999) revela alguns encontros que apresentam a evolução do conceito e da prática da museologia no século XX, dentre eles estão o Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus realizado no Rio de Janeiro em 1958, na Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972, no I Atelier Internacional da Nova Museologia que ocorreu na cidade de Quebec no Canadá em 1984, na Reunião de Oaxtepec, no México em 1984 e também na Reunião de Caracas realizada em 1992 na Venezuela (PRIMO, 1999).

No documento produzido pela Mesa Redonda de Santiago no Chile de 1972, o museu aparece como um “agente incomparável da educação permanente”. A questão principal dessa afirmação é o entendimento de qual “educação” está sendo discutida e posta em prática, a educação libertadora, que dá “asas” ou a educação que “engaiola” e não promove o voo?¹¹. O fato é que somente as ações relativas às práticas museológicas desenvolvidas é que podem responder tal questionamento e a trajetória da formação acadêmica-profissional em Museologia tem papel fundamental nesse processo. O repassar dos conhecimentos teóricos, técnicas é importante na formação acadêmica, mas o educador não pode ser escravo delas, como Paulo Freire destaca

Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens. Não posso, por isso mesmo, burocratizar meu compromisso de profissional, servindo, numa inversão dolosa de valores, mais aos meios que ao fim do homem. Não posso me deixar seduzir pelas tentações míticas, entre elas a da minha escravidão às técnicas, que, sendo elaboradas pelos homens, são suas escravas e não suas senhoras (FREIRE, 2011:25).

Existindo na academia uma educação libertadora, conforme evocada por Paulo Freire, que garanta ao educando espaços e condições para que a reflexão e ação avancem para uma consciência crítica, certamente esses futuros profissionais contribuirão para que os espaços museológicos sejam também espaços de produção de saber e construção do conhecimento.

Santos (1994) explica que quando da exposição museológica, desde o momento do estabelecimento do roteiro da mesma, da apresentação dos objetos, elaboração de textos e etiquetas, a preocupação não deve ser com a transmissão de um conteúdo a ser acumulado, mas sim que suscite “a criatividade, o questionamento, a reflexão crítica e a busca de um novo fazer” (SANTOS, 1994:

11 A pesquisadora Dra. Maria Amélia Reis em seu artigo intitulado Museus e os modos de educar para a liberdade: asas ou gaiolas? Publicado no ano de 2021, recorre ao pensamento de Rubem Alves sobre (escolas gaiolas e escolas asas) e traz para o Museu a questão com enfoque à importância da educação integral nos espaços museológicos.

Museu como palco de relações e de múltiplas intersecções:
o espaço expositivo como zona de contato

42). A exposição deve propiciar a “educação integral, como práxis humana, efetivada pelos museus para além das visitas contemplativas e ações pedagógicas escolarizantes” (REIS, 2021: 148).

Se entendemos a prática educativa como práxis que revela aos homens sua condição de humanos, em devir e em processo, momento em que sua unicidade e pluralidade se evidenciam, o museu e sua atividade educativa serão entendidos como lugar de diálogo constante entre os homens-sujeitos com o seu acervo, produto também dos homens e das relações humanas na promoção de novas e prodigiosas leituras estimuladoras, nos mesmos, da autoconfiança em conhecer o que desconhecem, da cooperação e da solidariedade que ensina a vida em convivência na apropriação de novos caminhos comunitários e de valores necessários à toda condição humana. Para tal, os museus requerem criar condições para que seus espaços se construam como locus de experimentações e de práticas pedagógicas estimulantes, que promovam o desenvolvimento dos patrimônios, pessoal e social, no público que a eles acorre, em busca de conhecimentos indispensáveis a uma experiência sociocultural sempre renovada, com vistas à compreensão e interpretação do mundo vivido e da importância do saber, dos diversos e múltiplos saberes para um mundo em transformação (REIS; PINHEIRO, 2009: 37-38).

As mudanças que se impõem em todas as sociedades acabam por repercutir nas ações de ensino e extensão dos cursos de museologia e consequentemente nos ambientes museológicos. Os museus aparecem como meio de viabilizar a promoção da cidadania, capaz de contribuir para o desenvolvimento do senso crítico dos sujeitos, como oportunidade desses sujeitos terem um encontro com outra cultura e também com sua própria cultura, contribuindo para a construção de sua identidade, conhecendo os patrimônios culturais da sociedade e ser reconhecidos como patrimônio. Isso se trata de inclusão, de dar vez à participação social dos indivíduos e como Moraes (2021b) afirma, a inclusão deve fazer parte do ensino em Museologia, de modo que esses futuros profissionais considerem a inclusão e a participação social como elementos necessários em suas ações e planejamentos.

Viu-se que pensar os museus como espaços de trocas, conexões, questionamentos e construção de saberes se faz necessário desde a academia. “Neste ponto, faz-se importante notar que o ensino em Museologia precisa estar atento e firme à formação de futuros profissionais que atuem como cientistas sociais aplicados que perspectivem sua atuação em prol da inclusão e da participação social” (MORAES, 2021a), em prol dos sujeitos, pois conforme o poeta Mario Chagas alerta, “o museu que não serve para a vida das pessoas, não serve para nada” (MUSEU..., 2019).

Referências

ALMEIDA, Adriana Mortara. Estudos de público: a avaliação de exposição como instrumento para compreender um processo de comunicação. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v.5, p. 325-334, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/issue/view/8297/542>. Acesso em: 10 jul. 2022.

ALVES, Vânia Maria Siqueira; REIS, Maria Amélia. Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio/MAST*, v. 6, n.1, p. 113-134, 2013. Disponível em: <http://revistamuseologia->

epatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/253/220. Acesso em: 17 dez. 2022.

CAI, Y. What is in a Museum Definition? Reflections on ICOM's New Museum Definition. *Museological Review*, 24, 2020. Disponível em: <https://le.ac.uk/museum-> *Museological Review*. v. 24, p. 7, 2020. Disponível em: <https://le.ac.uk/museum-studies/about/journals/museological-review>. Acesso em: 05 fev. 2021

CHAGAS, Mario. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, v. 13 n. 13, 1999. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/30>. Acesso em: 05 nov. 2022.

CHAGAS, Mário de Souza. Respostas de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 5, n. 5, p. 5-18, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: Acesso em: <https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-1970-pedagogia-do-oprimido.pdf/view>. Acesso em: 10 dez. 2022.

HEIN, George E. O dilema da educação científica: como ensinar quando os visitantes apenas querem aprender. In: MARANDINO, Marta; MORTARA, Adriana; VALENTE, Maria Esther (orgs.). *Museu: lugar do público*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 63-75, 2009. Disponível em: <http://www.george-hein.com/downloads/oDilemaEducGEHein.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

ICOM. 224 years of defining the museum. República Tcheca: ICOM, 2020. Disponível em: https://icom.museum/wp-content/uploads/2020/12/2020_ICOM-Czech-Republic_224-years-of-defining-the-museum.pdf. Acesso em: 05 dez. 2022.

ICOM Brasil. Nova definição de museu. São Paulo: ICOM Brasil, 2022a. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756>. São Paulo: ICOM Brasil. Acesso em: 16 dez. 2022.

ICOM Brasil. Os 20 termos escolhidos pelo ICOM Brasil. São Paulo: ICOM Brasil, 2022b. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2249#:~:text=A%20consulta%20p%C3%BAblica%20para%20defini%C3%A7%C3%A3o,grupos%20em%20todo%20o%20Pa%C3%ADs. Acesso em: 20 ago. 2022.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia e Patrimônio Interdisciplinar do Campo: História de um Desenho (Inter)Ativo. In: ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8., 2007, Salvador. 28 a 31 de outubro de 2007, Salvador, Bahia. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP--060.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MAIRESSE, François. Definitions and missions of museums. In: ICOM France. Comité National Français de L'ICOM. What definition do museums need? Proceedings of the ICOM Committees' day. Paris: ICOM France, 2020. p. 33-40.

Museu como palco de relações e de múltiplas intersecções:
o espaço expositivo como zona de contato

Disponível em: <https://www.icom-ce.org/wp-content/uploads/2021/01/Whatdefinition-Proceedings-ICOM-France.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MELO, I. M. Museu inspirador: exercício de aplicação da ferramenta de auto-avaliação Inspiringlearning for All em quatro serviços educativos de museus portugueses. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 32, n.32, 2007. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/493>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MORAES, Júlia Nolasco Leitão de. Desafios e possibilidades do campo digital para os museus e a formação em museologia: o uso do Instagram pelas exposições curriculares dos cursos de museologia da UNIRIO no contexto da pandemia de COVID-19. XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB. Rio de Janeiro, 25 a 29 de outubro de 2021a. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/269/428>. Acesso em: 28 jun. 2022.

MORAES, Júlia Nolasco Leitão de. Entretecendo conceitos, mirando o horizonte da participação: musealização, comunicação e públicos. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília - DF, v. 9, n.º Especial/Dez., p. 144-160, Dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31995>. Acesso em: 12 maio 2022.

MORAES, Júlia Nolasco Leitão de. Exposição Curricular em tempos de pandemia e ensino remoto: a Comunicação Museológica frente aos desafios e potencialidades da Cultura Digital no ensino em Museologia. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília - DF, v. 10, n.º Especial, p. 295-316, Dez. 2021b. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/36356/31909>. Acesso em: 27 jun. 2022.

MUSEU é lugar de futuro: pesquisa exclusiva traz tendências. Oi Futuro, 2019. Disponível em: <https://oifuturo.org.br/historias/museu-e-lugar-de-futuro-pesquisa-aponta-narrativas-e-tendencias-para-maior-engajamento/#:~:text=O%20museu%20que%20n%C3%A3o%20serve,bairro%20do%20Catete%2C%20no%20Rio>. Acesso em: 10 ago. 2022.

OLIVEIRA, Genoveva. O museu como um instrumento de reflexão social. *MIDAS: museus e estudos interdisciplinares*, n.2, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/midas/222#:~:text=Sendo%20o%20significado%20tomado%20como,catalisadores%20de%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20significado>. Acesso em: 20 ago. 2022.

PRIMO, Judite. Pensar contemporaneamente a museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 16, n. 16, p. 5-38, 1999. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/350>. Acesso em: 21 ago. 2022.

RAFFAINI, P.T. Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 3, p. 159-164, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/109170/107661>. Acesso em: 15 ago. 2023.

REIS, Maria Amélia. Museus e os modos de educar para a liberdade: asas ou gaiolas? *Museologia e Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 10, n. 20, p. 144–157, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/33993>. Acesso em: 05 nov. 2022.

REIS, Maria Amélia; PINHEIRO, Maria do Rosário. Para uma pedagogia do museu: algumas reflexões. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 36-46, jan/jun. 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/44>. Acesso em: 06 dez. 2022.

SANTOS, Maria Célia Teixeira M. A Escola e o Museu no Brasil: uma história de confirmação dos interesses da classe dominante. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 3, n. 3, p. 41-66, 1994. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/306>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Comentário II: O cuidado com o outro nos museus: um novo paradigma. *Anais do Museu Paulista* São Paulo, Nova Série, v. 29, 2021, p. 1-11. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/JFbxZ73QyKZJFNVWx6dFbnG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SILVA, José Afonso da. *Ordenação Constitucional da Cultura*. São Paulo: Malheiros, 2001.

SODARO, Amy. Museus memoriais: a emergência de um novo modelo de museu. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 20, n. 44, p. 207-231, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724620442019207>. Acesso em: 13 ago. 2022.

SOUZA, Aline Escandil de. *Educação e exposição: a dimensão educativa das exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS (2011-2015)*. 2015. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso – (Graduação em Museologia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/134694/000987210.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 ago. 2023.

VARINE, Hugues. Notes em forme d'avant-propos. In: NICOLAS, D'Alain (ed.). *Nouvelles museologies*. Marseille: Museologie nouvelle et experimentation sociale, 1985.

VARINE, Hugues de. A respeito da Mesa-Redonda de Santiago: apresentação. In: ARAUJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos: concepção, organização e redação do texto de apresentação* – ICOM-Brasil, São Paulo, 1995, p.38-42. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3832560/mod_resource/content/1/HUGUES%20DE%20VARINE.pdf. Acesso em: 21 nov. 2022.

Recebido em janeiro de 2023. Aprovado em setembro de 2023.